

O PENSAMENTO DA SOCIEDADE ATUAL E O PENSAMENTO EMERGENTE JUNTO A TEMÁTICA AMBIENTAL

Bruno Ferreira da Silva Santos¹

Universidade Estadual de Alagoas

brunoferreirarcc@hotmail.com

Josefa Betânia Vilela Costa²

Universidade Estadual de Alagoas

jbvcosta@hotmail.com

RESUMO

O artigo tem a finalidade de mostrar as duas perspectivas de mundo que permeiam nossa sociedade, onde uma delas vem se desenvolvendo durante séculos e está presente de forma abrangente em nossos hábitos, formas de pensar e a outra surgiu há algumas décadas como forma opositora a perspectiva atual, devido a uma gama de acontecimentos dentro de nossa realidade, desde a degradação do meio até a degradação do interior humano. São elas respectivamente, a mecânico/reducionista e a holístico/ecológica. A primeira com uma concepção altamente destrutiva, simplista, competitiva e a segunda com um conceito cooperativista, unificador. Tendo essa última como uma possível solução para os problemas tanto ambientais (físicos) como sociais e mentais da sociedade, provocados pelo velho paradigma.

Palavras-Chave: Visão mecânico/reducionista - Visão holístico/ecológica - Integração.

¹ Graduado em Geografia Licenciatura e Estudante do curso de Pós Graduação em Gestão Ambiental - UNEAL.

² Professora e Mestranda em Educação Brasileira - CEDU/UFAL

1. INTRODUÇÃO

A questão ambiental vem obtendo cada vez mais importância nos dias atuais. Fala-se muito na preservação do meio ambiente, posição contrária a não poluição de rios, mares, do solo, do ar. Mas esses problemas que são comentados de forma constante e alarmante em jornais e revistas é apenas parte da problemática ambiental. A esfera social e mental que são campos importantes dessa temática são tratadas com menos seriedade que a esfera física e percebidas de forma afastada desta. Essa ênfase da esfera física decorre de um padrão de pensamento que foi desencadeado no século XVI e é devido a esse padrão que nossa sociedade possui um pensamento reducionista, fragmentado, antropocêntrico que provoca um entendimento parcial das concepções que dizem respeito não só a temática ambientalista, mas as opiniões como um todo.

O surgimento de uma visão holística do mundo em oposição a visão mecânico/reducionista provoca uma enorme mudança na percepção humana e propõe a idéia unificadora das esferas social, mental e ambiental proporcionando assim a aparição de um novo pensamento que pode transcender o conceito mecânico/reducionista ascendendo em uma visão ecológica do mundo. Um mundo onde o todo vai muito além de suas partes. Mas esse pensamento ainda não se faz presente de forma intensa, pois o pensamento reducionista tem um desenvolvimento de séculos e ainda está presente de forma intrínseca na sociedade.

2. REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

A visão de mundo que estava presente nos séculos anteriores ao século XVI era orgânica, ou seja, as pessoas tinham uma relação íntima com a natureza, existia uma interdependência entre os fenômenos espirituais e materiais. A ciência medieval tinha por finalidade a compreensão das coisas e não o controle, como irá ocorrer séculos depois. Mas essa visão orgânica, juntamente com essa ligação espiritual e material em meio à natureza que a tornava um organismo vivo, iria mudar radicalmente nos séculos XVI e XVII no período conhecido como Revolução Científica.

A Revolução Científica se inicia com a oposição de Copérnico ao sistema geocêntrico de Ptolomeu. Dessa forma a Terra que antes era o centro do universo tornou-se um corpo celeste como todos os outros. Mas depois de Copérnico surge Galileu, considerado o pai da ciência moderna, com o desenvolvimento de uma

abordagem científica baseada na experiência (método empírico) e a utilização da linguagem matemática para descrever a natureza. Essas duas idéias propostas por Galileu permearam de forma grandiosa a ciência do século XVII. “A fim de possibilitar aos cientistas descreverem matematicamente a natureza, Galileu postulou que eles deveriam restringir-se ao estudo das propriedades essenciais dos corpos materiais – formas, quantidades e movimento – as quais podiam ser medidas e quantificadas” (CAPRA, 2006, p. 51).

3. A PERCEPÇÃO DO MUNDO

“*Cogito, ergo sum*”... “Penso, logo existo”...

Foi a partir dessa frase pronunciada por René Descartes no século XVII em seu *Discurso do Método* que se desenvolveu todo um pensamento que deu uma ênfase grandiosa a racionalidade humana. “Compreendi então que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar e que para ser não necessita de lugar algum nem depende de qualquer coisa material” (DESCARTES, 2005, p.40).

Assim, Descartes valoriza a mente humana e “despreza” o corpo, o material. Mas seu pensamento vai mais adiante e proporciona a comparação do corpo com uma máquina e faz esclarecimentos quanto à diferença entre o animal e o ser humano.

Desde então, a matéria (corpo) passa a ser tratada como um instrumento guiado pelo espírito ou mente.

Com o caminhar de suas pesquisas Descartes pronuncia que ao invés de se deter em uma filosofia somente especulativa, por que não se voltar para a função prática de todos os corpos? “[...] poderíamos [...] assim nos tornar como senhores e possuidores da natureza” (id.,ib., p.64).

Francis Bacon outro pensador importante, influenciou de forma grandiosa o século XVII com um método novo de investigação onde se utilizava da descrição da natureza por linguagem matemática proposto por Galileu e do método analítico de raciocínio proposto por Descartes. O método proposto era o indutivo onde ele se utilizava de experiências para chegar a conclusões gerais e submeter essas conclusões gerais a outros experimentos. Segundo Capra (2006), foi a partir de Francis Bacon que: “[...] o objetivo da ciência passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza e, hoje, ciência e tecnologia buscam, sobretudo, fins profundamente antiecológicos.”

O pensamento de domínio da natureza, de valorização da racionalidade, e as idéias de que o universo material era uma máquina, ganhará destaque maior com as descobertas newtonianas. Assim como Descartes que foi um dos primeiros a propor uma visão de mundo mecanicista, ou seja, como se a natureza funcionasse como um relógio, Newton concebeu o universo como um enorme sistema mecânico onde as leis que o regem são as leis matemáticas. Além disso, foi o cientista que ajustou o método empírico e o racional, métodos opostos de aplicação científica. Assim como, tornou real o pensamento de Copérnico, Descartes, Bacon, Galileu.

As idéias newtonianas foram tão inovadoras que os pensadores do século XVIII a transferiram para a natureza e para a sociedade humana. O pensamento de Newton e essa transferência deu origem à época chamada Iluminismo. O ser humano é chamado a viver à luz da razão.

Já no século XIX com o surgimento do positivismo de Augusto Comte a realidade passa a ser reduzida meramente ao que pode ser medido, tocado, quantificado (mundo exterior). Tudo que não se pode medir, não se pode tatear, não é real (mundo abstrato). Comte então pronuncia:

Não devemos mais então conceber, no fundo, senão uma única ciência, a ciência humana, ou mais exatamente, social, da qual nossa existência constitui ao mesmo tempo o princípio e o fim, e na qual vem naturalmente fundir-se o estudo racional do mundo exterior [...] (COMTE, 2005, p.33).

Sendo assim toda razão Teológica e Metafísica é jogada fora, pois já fizeram sua parte no desenvolvimento da história para que a “verdadeira” razão a “verdadeira” ciência, a positivista, surgisse. O ser humano se torna a medida de todas as coisas e toda a ciência deve ser desenvolvida única e exclusivamente em função dele próprio, ou seja, a natureza fica em segundo plano, pois se desenvolveu uma concepção antropocêntrica da realidade.

Foi devido a pensamentos como o de Galileu, Descartes, Newton, Comte e outros, serem levados de forma supervalorizada que hoje possuímos uma realidade mecânico/reducionista, ou seja, a influência desses pensadores propôs um mundo fragmentado, entendido somente por partes, e entendido como uma grande máquina. Exemplos dessa fragmentação e dessa concepção mecanicista estão visíveis em nosso cotidiano. O corpo e a alma (mente) são tratados de forma distinta, um pela medicina, biomedicina e o outro por psicólogos, psiquiatras; o ser humano é tratado como mero

instrumento para um progresso utópico; a mulher, mesmo com as mudanças que ocorrem hoje no campo feminino, são tratadas ainda como um ser inferior tanto por si como pelos outros; a educação somente se preocupa em transmitir conhecimentos, não em desenvolver mentes que pensem; a natureza é vista como mera subserviente que deve ser explorada de forma brutal; e os problemas do meio ambiente é o que diz respeito a poluição da água, do ar, o desmatamento. E a poluição mental? E a relação de competitividade agressiva entre o 'eu' e o outro? Também não fazem parte da problemática ambiental? Azevedo (1995) discorre:

[...] isso é o dia a dia de grande parte do mundo dito 'civilizado', onde se confunde civilização com Produto Interno Bruto, consumo de energia elétrica ou petróleo... E ficamos presos, estiolados em conceitos puramente mecanicistas, nos debatendo contra grades que realmente não existem, pois foram forjadas por gerações sucessivas de seres humanos puramente mecânicos, presos a conceitos dicotomistas do bem e do mal, do positivo e do negativo, ou da esquerda e direita nos sistemas políticos. Condicionados, manipulados até o cerne do ser consciente com conceitos profundamente errados (AZEVEDO, 1995, p.14).

Sendo o ser humano um ser pensante e vendo que ele se deixou manipular e ser condicionado por tais idéias dicotomistas e mecanicistas, nota-se que o *Homo sapiens* é também *demens*, pois somos seres de inteligência, de projeto, utopia. Mas ao mesmo tempo somos seres de violência, de morte, de excesso, de dominação. E em nossa sociedade moderna o *Homo demens* está sobreposto ao *Homo sapiens* impedindo o homem moderno de questionar os paradigmas socioculturais e enrijecendo o desenvolvimento de uma consciência crítica frente à problemática existente.

4. UM NOVO MODO DE PERCEBER O MUNDO

Essa visão de mundo fragmentada, reducionista, mecânica, positivista, desenvolveu uma racionalidade destrutiva na humanidade e essa racionalidade está impressa na degradação da natureza, na degradação humana como um ser cooperativista que hoje se põe como um ser de competitividade e também numa degradação no interior humano quando se diz respeito a relação existente d'ele para com ele. Tudo isso permeia o nosso meio ambiente, tudo isso faz parte do nosso meio ambiente. O meio ambiente se faz por todas as relações existentes entre o homem e a natureza, entre o homem e o outro homem, e entre ele e ele mesmo. Em meio a essa idéia de que o meio

ambiente se faz de relações existentes, surgiu o pensamento ecológico de forma mais ampla, de forma holística, que deságua na chamada Ecologia Profunda.

A Ecologia Profunda é uma ecologia que vai além do factual do científico. Ela vai para um nível mais profundo de consciência ecológica. Considera as vidas humanas e não humanas como possuidoras de valores intrínsecos independentes do utilitarismo. Propõe uma concepção mais ampla da natureza e da relação da humanidade com o mundo natural. Vê os seres humanos como seres sociais e acredita em uma ética e em uma estética baseadas no real para reger as relações do homem com ele mesmo, do homem com a natureza, e entre os homens (JÚNIOR, 2004, p. 44).

É através do pensamento da chamada Ecologia Profunda e de movimentos que propõem conceitos que se assemelham a ela e ainda não se vêem fazendo parte dessa, que surge a idéia de mudança de percepção, de pensamento, de registro, de paradigma.

O paradigma que se põe nos dias atuais apesar de algumas mudanças é o chamado mecânico/reducionista e dominou nossa cultura por centenas de anos, surgiu em nossa sociedade ocidental e se propagou pelo resto do mundo. Mas o novo paradigma vem com uma nova roupagem, e ainda está a passos lentos, pois os grandes líderes ainda não estão cientes de tais ideários e pensamentos. Ele (o novo paradigma) vem de baixo, de estudantes, ONGs, movimentos como o Feminista, a própria Teologia da Libertação, entre outros.

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. [...] A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos) (CAPRA, 2006, p.25).

Diante da concepção posta pelo novo paradigma, o mundo como todo integrado, expresso pela Ecologia Profunda, é necessário perceber que a dimensão da natureza e a dimensão humana são indissociáveis, ou seja, não podem ser repartidas, pois são partes de uma mesma realidade. E que a busca de entendimento das dimensões diversas sem perceber essa integração torna o conhecimento incompleto mesmo tendo esse conhecimento uma utilidade.

5. TERRA: ORGANISMO VIVO

A visão do planeta como um organismo vivo, já estava presente na imaginação dos povos antigos até os séculos anteriores ao século XVI. E foi a partir dessa idéia que James Lovelock desenvolveu a hipótese de Gaia que tempo depois se tornaria Teoria de Gaia. De acordo com essa teoria, a vida e a terra evoluem juntas e é a própria vida que cria condições para sua própria existência. Dessa forma, quando cientistas pronunciam: “[...] que a vida se adapta a um meio ambiente, incutem um visão errada de passividade seriamente distorcida, porque, em verdade, ela fábrica, modela e muda o meio ambiente a que se adapta” (LIRA e FERRAZ, 2009, p. 58).

A teoria de Gaia junto a Ecologia Profunda incorpora o homem ao planeta, ou seja, propõe o ser humano como parte que possui uma função, mas que não é mais importante ou menos importante que uma função exercida por outro animal ou até mesmo vegetal.

Mas quando se fala em Terra um organismo vivo é necessário entendê-la não como um ser sensível ou mesmo um animal, mas perceber isso como uma metáfora. No entanto se torna imprescindível perceber uma Terra viva em meio às ameaças globais, do que pensa - lá como um objeto mecânico que é fruto de uma visão antropocêntrica, ou seja, centrada no ser humano onde se criou uma civilização separada da natureza e contra a natureza destruindo-a, negando-a, pois arroga apenas uma função instrumental ou de uso a natureza. Segundo James Lovelock:

Chegamos à nossa desordem atual por meio de nossa inteligência e inventividade. O processo pode ter começado até 100 mil anos atrás, quando começamos a atear fogo às florestas como uma forma preguiçosa da caça. Havíamos deixado de ser apenas mais um animal e começamos a demolição da Terra (LOVELOCK, 2006, p.19-20).

Foi devido a uma formação antropocêntrica, egocêntrica, logocêntrica, vinda do paradigma ocidental que nos trouxe benéficos grandiosos, como a alta tecnologia que possuímos nos dias atuais, o grande avanço na medicina, mas ao mesmo tempo criou-se uma máquina de morte que pode destruir não só a natureza, mas em consequência disso a vida humana.

A razão dominante em nossa sociedade é a instrumental analítica (logocêntrica) uma razão de pesquisa, que cria técnicas que domina o mundo, que criou o computador,

o controle remoto, o relógio digital, as novas mídias, que levou o homem a lua e o trouxe de volta e é essa que está provocando a desordem atual.

A sociedade precisa se inquietar, pois é a inquietação que a faz pensar e a faz provocar mudanças. Nas palavras de Santo Agostinho ou mudamos por um grande amor ou por uma grande dor. Dessa forma é preciso sentir a dor da terra como nossa própria dor e amá-la como a nós mesmos. É preciso despertar na sociedade uma consciência empática (Fig.1).



Figura 1: Consciência Empática (Nomenclatura do Autor)
Fonte: <http://unidadelivre.blogspot.com/2009/02/aquecimento-global.html>

Mas para que isso ocorra é necessário perceber que deixamos de lado uma razão fundamental dentro da dimensão humana, a razão sensível, emocional, que não nos deixa indiferente em meio a essa crise ambiental que nos abate.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de nossa sociedade ter adquirido através do tempo, uma percepção de mundo voltada a uma idealização mecânica, analisar o mundo somente em uma ordem simplista e dar uma ênfase maior a mente humana, proporcionou um conceito de superioridade em função da racionalidade, ou seja, o homem se autodenomina superior devido a uma de suas faculdades, mas essa concepção fez com que ele se desligasse de sua relação orgânica, íntima com a natureza. A sua ligação com o próprio chão se

assemelha a de uma planta ou árvore, tal qual o fato de suas raízes serem desprendidas do solo, não suporta muito tempo e morre. O homem desprendeu suas raízes no momento em que ele transformou a natureza em uma grande máquina que podia ser manipulada de forma ilimitada. Em consequência, o ser humano se distancia da natureza e se considera não mais parte dela.

Ainda em decorrência desse tipo de pensamento, assistimos o solo de nossa Terra ser desgastado pelo desmatamento, o surgimento de grandes erosões, o grande amontoado de lixo que já não pode ser absorvido naturalmente. E em âmbitos mais profundos, o ser humano já não vê no outro uma semelhança, um amigo, e sim um competidor, algo negativo, devido a um sistema que impõe uma competitividade, onde o sentido da vida se torna a busca de bens materiais, o poder aquisitivo. Foi diante desse desequilíbrio, tanto ambiental (físico) quanto social e mental que a visão holístico/ecológica nasce com a incumbência de trazer o homem de volta a sua casa (Terra), casa que ele abandonou e que ele é parte integrante, onde ele anteriormente possuía uma relação de companheirismo e em última análise mística, onde o ser humano se identificava como extensão de algo maior.

Vivemos no mundo uma situação de crise ambiental que está intrinsecamente ligada a uma crise da sociedade, da relação dessa com a natureza e da relação dos homens entre si, em função do velho paradigma que ainda se faz presente na sociedade atual, um paradigma de conquista, de crueldade, de imposição da força a outros povos, de domínio da Terra, de uma exploração de forma ilimitada tanto do ser humano como dos recursos da natureza. Isso foi proposto a mais de 400 anos e continua de forma análoga no dias atuais. E o processo de desequilíbrio é tão amplo que não se vê soluções viáveis que advenham de políticas mundiais, de técnicas, porque todas elas se movem dentro do velho paradigma.

A sociedade vem cada vez mais se deparando com situações que podem ser irreversíveis. Não devemos mais prolongar o passado e nem o presente, pois é necessário incorporar um olhar novo sobre o sistema Terra. E é através do pensamento emergente da Ecologia Profunda, da Teoria de Gaia que poderemos transformar a condição humana desenvolvendo uma ecologia, através da educação ambiental, que trabalha com uma valorização da Terra em dignidade e a valorização do próprio ser humano em sua excentricidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Murilo Nunes de. **Ecologia mental**. São Paulo, SP: Pensamento, 1995.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMTE, Augusto. **Discurso sobre o espírito positivo**. Coleção grandes obras do pensamento universal – 10. São Paulo, SP: Escala, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Coleção grandes obras do pensamento universal -10. São Paulo, SP: Escala, 2005.

LIRA, Luiz; FERRAZ, Vânia. Psicologia Ambiental: uma relação de equilíbrio entre o homem e a natureza. In: SEABRA, Giovanni (Org.) **Educação Ambiental**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. 2009. p. 53-68.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2006.

JÚNIOR, Antônio Ferreira de Carvalho. **Ecologia profunda ou ambientalismo superficial?** O conceito de ecologia e a questão ambiental junto aos estudantes. São Paulo, SP: Arte & Ciência, 2004.